

A LAVARIA DE MINÉRIOS E AS NOVAS CORRIDAS AO OURO

José Rafael Soares¹

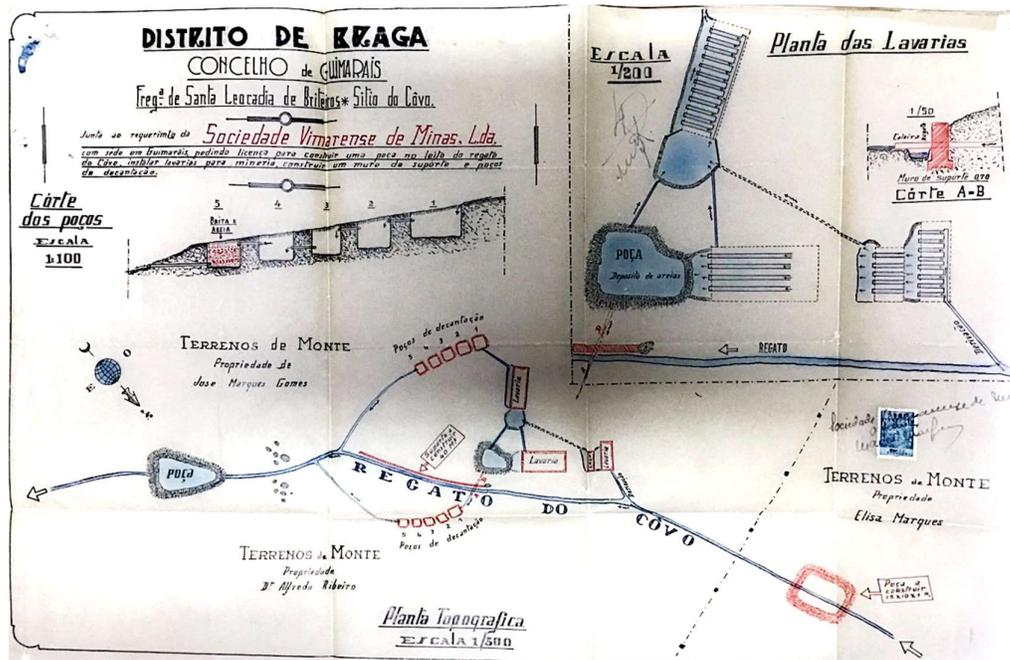


Figura 1 - Casa de Sarmento, Arquivo da Agência Portuguesa do Ambiente - ARH do Norte, Processo de Obras n.º 112-1944, não paginado.

A prospeção de minerais está na ordem do dia. Acompanhar a competição internacional por forma a garantir o abastecimento das matérias-primas tem sido uma preocupação visível das potências, que não querem perder o seu lugar no pódio das revoluções tecnológicas do presente e do futuro. A descoberta e a possibilidade de tratamento de jazigos de lítio em Portugal avivaram esse debate, do qual sobressai o conflito de diferentes interesses em jogo: o económico, mas também o paisagístico e o ambiental.

Datada de 1944, a imagem selecionada é uma planta topográfica associada à pretensão da Sociedade Vimaranense de Minas para executar uma série de obras com

¹ Doutorando do Programa Doutoral em História Contemporânea, da Universidade do Minho. Investigador afecto ao CICS.NOVA.UMinho. Bolseiro de investigação da FCT com o projecto de doutoramento denominado "As águas dos transgressores: estudo da história da poluição num afluente do Rio Ave (1892-1974)", referência SFRH/BD/146142/2019. Contacto: id8543@alunos.uminho.pt.

vista à lavagem de minérios, previamente explorados em terrenos contíguos do concelho de Guimarães, norte de Portugal. Este documento está presente nos arquivos dos Serviços Hidráulicos (visitável na Casa de Sarmento, em Guimarães - <https://www.csarmento.uminho.pt/en/archivave/>), e é apenas um de muitos casos ilustrativos do que foi o ímpeto em investir na exploração mineira, em ciclos curtos de concessão, permitindo aos investidores acederem a um mercado lucrativo nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial. O minério explorado foi o volfrâmio, igualmente conhecido por tungsténio: metal de propriedades interessantes, que variam desde a alta densidade até ao alto ponto de fusão, e de aplicações muito variadas, que vão do armamento até à eletricidade.

Embora a jurisdição dos Serviços Hidráulicos se relacionasse apenas com os rios e ribeiros, a verdade é que durante toda a sua longa ação fiscalizadora (desde a Monarquia Constitucional até à Revolução do 25 de Abril de 1974) foram chamados a intervir em inúmeros licenciamentos e litígios, nomeadamente aqueles que convocavam as diversas atividades industriais. No caso aqui trazido, a água seria utilizada em quatro lavarias, presumivelmente para lavagem hidráulica recorrendo ao efeito gravitacional, após represamento e derivação. Daqui passaria para dez poços de decantação, cinco em cada margem, de modo a minimizar riscos de contaminação. De facto, as câmaras assinaladas tinham por objetivo a acumulação progressiva dos sólidos em suspensão, sendo que a última de cada cadeia estaria devidamente apetrechada com brita e areia. Por fim, as águas decantadas regressariam à corrente, desejavelmente isentas de prejuízos à vida aquática. A empresa asseguraria ainda a construção de muros de suporte que susteriam detritos e areias decorrentes do modo de produção, e impediriam o assoreamento da massa de água. Embora esta planta seja um testemunho pictórico riquíssimo, convém não esquecer que um número significativo destes desenhos não garantiria, na prática, o fim ao qual se propunha, resultando, não raras vezes, em processos de transgressão nos quais podiam ser aplicadas coimas ou proceder-se à destruição coerciva.

Estas soluções técnicas faziam parte do repertório arquitetónico com vista ao impedimento da poluição aquática, e permite-nos refletir sobre o impacto da atividade mineira industrial na transformação da paisagem. Será com certeza um de muitos casos que figuram na História pelas marcas que deixaram nas comunidades e no território. De

facto, quantas lavarias não jazem hoje a céu aberto, como autênticas cicatrizes, com as suas estruturas por desmontar ou enferrujando-se, contando as memórias de uma muito própria ‘corrida ao ouro’?

Hoje, como ontem, a contaminação das águas superficiais e subterrâneas mantém-se um risco lembrado pelas comunidades residentes nas mesmas localidades das plataformas de exploração. Tomando em consideração as dificuldades no abastecimento energético, a incerteza dos realinhamentos geopolíticos, e o destaque cada vez mais proeminente do setor das novas tecnologias da informação e da comunicação, prevê-se que o tratamento dos minérios continue a ser um assunto primordial para a cena mundial — ou, diríamos melhor, um filão de complexa composição.

Sugestões de leitura:

NUNES, João Paulo Avelãs - *O estado novo e o volfrâmio (1933-1947): actividade mineira, "grande depressão" e segunda guerra mundial*. Imprensa da Universidade de Coimbra: Coimbra, 2010. Disponível em: https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/o_estado_novo_e_o_volfrâmio_1933_1947_actividade_mineira_grande_depressão_e_segunda_guerra . Acedido a 21 de Fevereiro de 2022.

Como citar: José Rafael Soares - “A lavaria de minérios e as novas corridas ao ouro” [Em linha]. Porto: Rede Portuguesa de História Ambiental, 2022. Disponível em <https://www.reportha.org/en/stories/item/682-ore-washing-and-the-new-gold-rushes>